

# EDITORIAL

Em 2017, tivemos grandes perdas para o paisagismo brasileiro, com o falecimento do paisagista Haruyoshi Ono, que foi sócio de Roberto Burle Marx por mais de 25 anos, e da professora Miranda Magnoli.

Excelente arquiteto paisagista, Haruyoshi Ono foi sócio de Burle Marx desde sua formatura em 1968, assumindo o escritório quando o mestre faleceu em 1994. Ele soube dar continuidade aos trabalhos do escritório, desenvolvendo elegantes projetos de paisagismo, baseando-se sempre nos fundamentos dos projetos criados por Burle Marx.

Miranda Magnoli, a partir de 1975 estruturou as disciplinas de paisagismo na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP), articulando o campo do paisagismo com o urbanismo, estabelecendo as bases conceituais do ensino e da pesquisa do paisagismo no Brasil. Contribuiu de modo fundamental na formação de paisagistas e professores, escrevendo textos seminais para o campo disciplinar, por exemplo, sobre o Espaço Livre de Edificação, que seria o objeto de referência do trabalho do paisagista (vide o artigo *Espaço Livre – objeto de trabalho*, publicado na edição 21 da Paisagem e Ambiente – Edição Especial Miranda Magnoli).

Este número da revista traz uma série de artigos que enfocam o espaço livre e a paisagem urbana brasileira em suas diversas escalas de abordagem. Tais espaços, como a cidade, estão em constante processo de transformação, não só na sua forma e no seu tratamento, mas também no modo como são interpretados e avaliados pela população.

A realidade urbana brasileira atual difere radicalmente da realidade do século XX, merecendo estudos que colaborem no seu entendimento e na tomada de decisões relacionadas aos projetos paisagísticos.

Falar sobre paisagem depreende entender o que é paisagem. Há várias concepções a respeito e cada autor tem a sua própria versão. Eu adoto o conceito de que paisagem é o resultado concreto dos processos de transformação social e ambiental em um determinado território.

Os artigos desta edição podem ajudar o leitor a entender um pouco mais sobre o país, a sua paisagem e algumas das suas questões. Foram escritos por pesquisadores importantes e são o resultado de pesquisas sérias, provindas de várias regiões do país.

Na seção Paisagem Urbana, *Redes sociais e paisagem da destinação turística: fotografias online na construção da imagem da cidade*, de Luciana Noronha Pereira e Alina Gonçalves Santiago, busca identificar os marcos referenciais da paisagem

urbana de Balneário Camboriú (SC) e sua utilização pela indústria do turismo, e traz reflexões novas ao avaliar os modos como as imagens são capturadas e compartilhadas nas redes sociais.

O artigo de Carina Folena Cardoso, Thalita Pereira Fonseca e Pedro Henrique Gonçalves – *Caminhabilidade, paisagem e ambiência no centro histórico de Goiás (GO)* – abre a seção Espaço Livre, trazendo uma análise das possibilidades de circulação do pedestre em um centro histórico colonial, a cidade de Goiás Velho. Na mesma seção, Cláudia Maté e Alina Santiago, em *Espaços Livres Privados nas pequenas cidades*, fazem uma caracterização preliminar do sistema de espaços livres da cidade de Pinhalzinho (SC), espaços típicos desse tipo de cidade do Brasil.

Na seção Fundamentos, *Construindo para a (bio)diversidade: o planejamento ecológico da paisagem urbana*, de Juliana Maria de Souza Freitas, retoma o tema ‘ecologia da paisagem’, mostrando sua importância para o entendimento da paisagem de um território.

Dois artigos compõem a seção História: *Jardins do Ocidente e do Oriente: ordenamento ou recriação da paisagem* e *A institucionalização do ensino de arquitetura paisagística no Rio de Janeiro*. O primeiro, escrito por Cintia Maria Afonso, volta-se às origens da história do paisagismo, contendo como referência exemplos clássicos europeus, em especial, parques de palácios. O segundo, de Alda de Azevedo Ferreira, Fernando Pedro de Carvalho Ono e Cláudia Carvalho Leme Nóbrega, mostra o peso da inserção da disciplina Paisagismo no curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), como evoluiu e cresceu nos últimos anos.

A seção Meio Ambiente finaliza esta edição com o artigo *Análise da percepção ambiental dos moradores de área de várzea urbana de uma pequena cidade do estuário do rio Amazonas*, de Ivan Gomes Oliveira e Sandra Maria Fonseca da Costa, que traz notas sobre a percepção e interação da população em área de várzea amazônica, mostrando seus conflitos e contradições.

Convidamos a todos que se interessam por Paisagismo a enviarem seus textos, que podem ser submetidos em qualquer época do ano.

**Silvio Soares Macedo**  
**Fábio Mariz Gonçalves**  
**Editores**